ANNO XVI de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 25 DE AGOSTO DE 1901 N.º 906 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 107

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

A onda do livre exame não parava na Inglaterra. Reparem n'isto os leitores, porque este ponto é importantissimo!

O que nós queremos demonstrar, e já temos demonstrado, é que a liberdade politica nasceu na Inglaterra da liberdade religiosa e que d'uma e d'outra derivou a prosperidade, a grandeza, o poder immenso d'essa nação.

O que nós queremos demonstrar, e já temos demonstrado, é que a Inglaterra não ficou aferrada ao protestantismo official, á sua religião do Estado, como as nações catholicas, e Portugal e Hespanha principalmente, ficaram aferradas ao romanismo, ao papismo, a religião do Estado entre nós.

Não. De modo algum. Não faltam mariolões a querer justificar a invasão e a usurpação da clericalha em Portugal com um profundo respeito do povo inglez pela sua religião. Quando entre nós se reage contra o sentimento religioso, apontam-nos a religiosidade da Inglaterra. Ainda ha mezes o jornal *Novidades*, referindo-se a uma oração mandada rezar ás tropas pelo general Roberts—o que não podia ser verdade—queria filiar a grandeza da Inglaterra no sentimento religioso, dizendo que lá não havia (textual) *livres pensadeiros*.

Isto de considerar o povo inglez muito respeitador da sua religião é vulgar, até entre homens cultos, até em escriptores que nunca leram bem a historia ingleza, ou que a leram irreflectidamente, como quem lê um romance, que é o costume de quasi toda a gente que lê, infelizmente já bem pouca. Mas pouca e a lêr mal é, sobre *queda, coice*.

Como ha de o povo inglez ser muito respeitador da sua religião, se ninguem sabe, afinal, qual é a *sua religião?*

Como havia o general Roberts de decretar uma oração unica para todo o exercito se cada soldado de cada regimento tinha a sua, afóra os que não teriam nenhuma?

Pelos primeiros d'estes artigos sobre a Inglaterra viram os leitores quanto é enorme o movimento livre pensador n'aquelle paiz, quanto é grande o numero de inglezes que não professam religião nenhuma. Viram a infinidade de seitas religiosas que existem alli. Pela successão dos mesmos artigos teem visto como a religião official encontrou reformadores, como estes luctaram sem cessar pelas suas reformas, na lucta titanica que vimos referindo.

Não pararam, como os catholicos, n'uma religião official. Não. Não só pediram a primeira reforma, como atraz da primeira veio a segunda, atraz da segunda a terceira e assim successivamente. reformas de reformas, que não só acabaram com os pontos theologicos mais estupidos e absurdos, como estabeleceram a mais ampla liberdade religiosa. Desde que na Inglaterra são tantas as cabeças quantas as religiões, claro é que essa liberdade ha de existir por força. E' certo que na Inglaterra existe uma Egreja official, e ha de existir emquanto houver monarchia por aquelle grande dicto de Jacques I: *sem bispos não ha reis*. Uma grande verdade disse este *marmelo*. *Sem bispos não ha reis*. Quando acabarem os bispos hão de acabar os reis. Quando acabar o patrão do céo, ha de acabar o patrão da terra. Um é consequencia do outro. Não ha duvida nenhuma. Só teem duvidas os ignorantes. Só os imbecis podem esperar dos reis a emancipação da consciencia.

Existe na Inglaterra uma Egreja official, é certo. Mas é essa exactamente a que tem menos adherentes. Portanto, falta-lhe a força para se impôr tyrannicamente.

Foi essa a grande vantagem do livre exame. Se não acabou com as religiões, dividiu-as. Dividindo-as, fez com que nenhuma d'ellas ficasse com força para se impôr ás outras.

Nos paizes catholicos succedeu precisamente o contrario. O papismo dominou por completo. Dominando, tornou-se indiscutivel. Não sendo discutido, a estupidez e o absurdo arraigaram se, tornando-se a norma de toda a vida social e politica.

Emquanto a Inglaterra caminhava a passos de gigante, ficámos nós a pisar o mesmo terreno.

Não foi uma questão de raça, exclusivamente. Foi, acima de tudo, uma questão d'educação. E tanto que a França é o mais progressivo dos povos latinos exactamente porque foi aquelle, entre esses povos, onde a reacção religiosa foi mais teimosa e duradoura.

Esta é a grande razão historica do progresso d'uns povos e estacionamento d'outros.

A unica. Ou, pelo menos, aquella a que todas as outras se subordinam.

Reparem os leitores n'estes artigos sobre a historia ingleza, porque lançam muita luz sobre a pendencia religiosa em que andamos envolvidos. A questão clerical não se resolve com baboseiras. Ha de se resolver com grandes actos d'energia e estes não apparecem emquanto as grandes convicções não se formarem nos espiritos. E as convicções só se adquirem com o saber, com o estudo.

A razão d'essa grande inconsciencia que se nota em Portugal está na ignorancia. Não é só o analphabetismo que nos mata. E' tambem a ignorancia das classes dirigentes. São os analphabetos de gravata, os analphabetos bachareis, os analphabetos influentes, tão perigosos como os outros.

Reparem. A onda do livre exame não parava na Inglaterra. Quem se levantou contra Carlos I, quem primeiro pegou em armas contra elle, foram os presbyterianos da Escossia. Mas quem o levou ao cadafalso, quem declarou cahida e banida a dynastia dos Stuarts, já não foram elles, mas uma nova seita que d'elles sahiu, como elles já tinham sahido dos *puritanos*, o partido religioso dos *independentes*, que foi o partido republicano em politica.

Vejam como isto se encadeia, como a evolução politica acompanhava a evolução religiosa, e como tanto uma como outra eram constantes e seguras na Inglaterra.

Os presbyterianos, que se oppozeram tão valentemente a Carlos I quando este lhe quiz impôr a *seita episcopal*, quando tentou estender á Escossia a egreja official da Inglaterra, collocam-se do lado d'elle quando se trata de o julgar, condemnar e depôr.

Os presbyterianos não querem o rei deposto e muito menos degolado. Os que elles querem é o rei *emendado*. Emendando-se o rei, não os violentando nos seus direitos religiosos, perdoam o passado. O que elles queriam acima de tudo era que fosse reconhecida a sua revolução religiosa, sem se inquietarem muito com a revolução politica.

Mas surgem os *independentes*, que vão mais longe. Estes defendem em materia religiosa a mais ampla liberdade. Não querem religião do estado, seja catholica, episcopal ou presbyteriana. Para elles o estado não tem religião nenhuma e admitte e respeite todas as que houver. Cada cidadão tem o direito de professar livremente as crenças que quizer.

Como se vê, os inglezes reclamavam, ha perto de tres seculos, aquillo que os portuguezes não se atrevem a reclamar no nosso tempo!

Ha entre nós meia duzia de homens que defendem a valer a liberdade religiosa, ampla, sem sophismas. Mas são meia duzia, se tanto!

Os outros contentam-se com palliativos, ou contentam-se, até, com o despotismo, como se estão contentando os benemeritos *cidadões* que formam as *ligas liberaes* de todo o paiz.

Em politica, os *independentes* não admittiam o poder real senão como uma delegação da soberania popular e por esta revogavel.

Condemnavam todos os poderes como uma usurpação.

Era este o partido que se oppunha aos presbyterianos anglo-escossezes. E d'elle faziam parte dois homens eminentes, Milton e Cromwell, o primeiro a maior capacidade litteraria do seu tempo, o genial auctor do *Paraiso Perdido*; o segundo a maior capacidade, tambem, militar e politica da epocha.

Foi Cromwell o traço d'união entre os *independentes* civis e os *independentes* militares, muito numerosos, estes, impondo-se pela força e prestigio das armas.

Os presbyterianos e episcopaes formaram o partido realista. Os independentes constituiram o partido republicano. Além d'estes dois partidos ainda se formou um outro importante, o partido dos *niveladores* que não eram outra coisa senão os *libertarios* actuaes. E dizemos *libertarios* porque os *niveladores* eram *individualistas* à outrance.

Não tinham nada de commum com o actual collectivismo.

O *libertarismo* não passará d'uma aspiração ideal. O homem nunca chegará á perfeição que elle exige. Eu julgo que sim. Eu sou dos que acreditam firmemente na perfeição humana e entendo, como muitos outros, que lá chegariamos até n'um praso relativamente curto se os interesses theologicos, ligados aos interesses monarchicos, não empregassem todos os esforços para demorar a evolução.

Eu julgo que sim. Mas, sim ou não, nada mais logico que o *libertarismo*, deducção natural dos principios democraticos. Nada mais illogico que o *collectivismo*. Comtudo, será este o meio pratico—a formula de applicação ainda ninguem lh'a descobriu—e o mais conducente á conquista d'esse ideal de justiça porque se vem luctando no mundo.

Os *episcopaes* e os *presbyterianos* queriam salvar o rei a todo o transe. O *independentes* consentiram em o poupar se o rei acceitasse as suas reformas democraticas. O rei, que esperava que a intervenção estrangeira o viesse salvar, que nunca acreditou que chegassem, sequer, a julga-lo, regeitou-as. Então os independentes, que tinham na mão todas as provas da má fé e perfidia de Carlos I, que conspirou sempre contra a constituição e contra a patria, julgaram-n'o, condemnaram n'o á morte e proclamaram a republica.

A Escossia sublevou-se, proclamando, com o nome de Carlos II, o filho do justiçado. A Irlanda levantou-se em peso. A Europa ameaçou. Parecia que a republica ia naufragar miseravelmente. Mas muito grande é sempre a força da democracia quando manejada por mãos habeis.

Cromwell esmagou a Irlanda sem piedade. Derrotou o imbecil Carlos II, que pôz em fuga, na batalha de Worcester, deixando completamente desbaratado o exercito escossez.

Tendo-se os *niveladores* revoltado contra a republica, que consideravam uma nova usurpação, perseguiu-os e dispersou-os.

A esquadra, que estava na Europa continental, pronunciou-se pela causa realista. Cromwell organisou uma esquadra republicana que destruiu facilmente a esquadra realista. Depois a esquadra republicana limpou o mar de piratas, venceu a Hollanda e a Hespanha, impondo-se a toda a Europa com terror.

«Os estrangeiros reconheceram o protector, que era geralmente respeitado e os poderosos adulavam-o. Mazarino, que em voz baixa lhe chamava louco feliz, denominava-o em voz alta genio do seculo, e mandava-lhe de presente um tapete dos Gobelinos. Luiz XIV descobria-se falando aos seus embaixadores, e mandava-lhe offerecer uma espada; Christina admirava-o por ter expulso o parlamento; o rei de Portugal tratava-o como irmão e o de Hespanha aconselhava-o a que se fizesse coroar; a Polonia reclamava o seu auxilio contra a Russia, e o Vayvode da Transylvania contra os turcos; Genova agradecia-lhe a segurança que restituira ao commercio; Zurich queria-o como alliado, por elle se intitular protector dos Estados protestantes, titulo que lhe segurava amigos por toda a parte.» (Cesar Cantu, *Historia Universal*, vol. X pag. 274).

A força d'este homem, como a força de Buonaparte e tantos outros, provinha só da revolução. Elles tinham genio para a manejar. Mas, sem ella, nunca esse genio chegaria a manifestar-se.

Não quer isto dizer que os homens surjam das revoluções como os cogumellos no campo. Esta pretenção, tão apregoada pelos nossos republicanos, é puramente romantica. Cromwell era já um homem illustre no tempo de Carlos I, como Danton, Marat, Robespierre e tantos outros eram já homens conhecidos no tempo de Luiz XVI.

E' certo que as revoluções formam homens novos. Mas para que elles se formem é indispensavel que a revolução se torne uma escola e quem faz da revolução uma escola são os homens que a prepararam e que a realisaram, se esses homens teem capacidade para tanto. Por isso mesmo que as revoluções são uma tormenta, por isso mesmo exigem habeis marinheiros. Se teem ao leme os nephelibatas do nosso 31 de janeiro, cahem n'uma chinfrinada ignobil. Se pilotos habeis

empunham o leme do barco, a sorte proteje a audacia talentosa e o barco aguenta embates e revezes e por entre elles salta os cachopos e transpõe os obstaculos que durante seculos, ás vezes, contiveram em medo e respeito gerações de pusillanimes e de insignificantes.

Grande força, sim, é a das revoluções. Mas distinguir entre a audacia do tolo que se mette aos mares sem objectivo, á mercê do acaso, esperando a sorte de Deus, e a audacia do homem intelligente que vê a maneira de quebrar a difficuldade e de vencer o perigo.

Por isso tão miseravel é o destino das revoluções sem homens que saibam aproveitar a força enorme que d'ellas resulta, como benefico, proveitoso, utilissimo quando lhe preside o amor do ideal e o talento.

Ha homens que sahem das revoluções e ha homens que commandam as revoluções. Não confundir uns com os outros. Para que homens saiam das revoluções é necessario que homens tenham mantido as revoluções. E como estas não apparecem sem periodos preparatorios, ou esses homens são já conhecidos, como era Cromwell e tantos outros, ou as revoluções não offerecem garantia nenhuma.

E continuaremos.

Com sua ex.ma familia, partiu para a praia do Pharol, afim de fazer uso de banhos, o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, digno conservador d'esta comarca.

—Tambem partiram para a mesma praia, com suas familias, os srs. Manuel Gençalves Netto e João Marques da Cunha.

Conselheiro Mattoso

A benemerita commissão que promove a construcção do novo hospital foi á Oliveirinha pedir ao digno par do reino e conselheiro juiz do Supremo Tribunal de Justiça, sr. Francisco de Castro Mattoso, para assumir a presidencia da mesma commissão, vaga pelo fallecimento do sr. visconde da Silva Mello Guimarães.

O sr. Mattoso, que recebeu a commissão com a afabilidade que lhe é habitual, não só acceitou o encargo, como prometteu empregar todos os seus esforços para levar a effeito o fim que ella tem em vista.

Toda a cidade receberá esta noticia alegremente, attendendo a que o sr. Mattoso tem provado quanto estima a cidade e concelho d'Aveiro, onde nasceu.

Somos obrigados a corresponder a essa estima e, pela nossa parte, não faltamos nem faltaremos a esse dever.

Com a sua alta influencia e com a sua boa vontade estamos certos de que serão relevantes os serviços que o sr. Mattoso novamente nos vae prestar.

Dr. Sanches da Gama

Foi transferido de Vizeu para Coimbra, a seu pedido, o sr. dr. Sanches da Gama, professor do lyceu.

O sr. dr. Sanches da Gama deixou em Vizeu, como já tinha deixado em Aveiro, recordações honrosas da sua passagem.

Cartas d'Algures

22 DE AGOSTO.

Vejo agora apregoado, em todos os periodicos democraticos, o *vintemsinho das escolas*.

O que vem a ser este *vintem*?

E' uma associação escolar, ou coisa parecida, que tem por fim ensinar os ignorantes.

Os ignorantes no sentido restricto da palavra. Os ignorantes mais perigosos são exactamente os fundadores e inspiradores da nova associação. Os primeiros que precisavam ser ensinados, e ensinados com palmatoadas, eram elles.

O tal *vintem* é, segundo me consta, obra da maçonaria. Ora a maçonaria em Portugal não tem sido outra coisa senão uma *sociedade d'arranjos*. N'ella está hoje mettido todo o antigo grupo politico de José Elias Garcia, que foi sempre o bando de especuladores mais famosos que na politica portugueza se teem conhecido.

Disse na minha ultima carta, em nota, que não se affligissem esses *benemeritos* com a idea de que eu abriria campanha contra elles. Não. Nem me merecem essa importancia, nem as circumstancias actuaes a impõem. A mim, pessoalmente, nunca m'a mereceram. A occasião é que me impoz a necessidade de os vergalhar. Quando ella se offerecer, não hesitarei. Voltarei á carga novamente. Mas nem ha precisão d'isso agora, nem supponho que a torne a haver.

Não vou, pois, abrir campanha contra os *benemeritos*. Referi-me a elles por mero acaso nas cartas anteriores. Por mero incidente falo hoje ainda n'essa corja. Depois, só quando calhar, como agora. Propositadamente, nunca.

Parece que a nova associação do *vintem das escolas* é propriedade d'esse bando de especuladores. Se o é, envolve arranjo. Nunca elles se metteram em coisa nenhuma por amor da democracia ou do bem publico. Nunca. Irão com elles alguns de boa fé. E' natural. São os tolos. Sendo singular que a estes tolos só lhes dê a toleima para acompanhar tratantes e nunca homens honrados. Famosa singularidade de tolos, que deixa sempre no meu espirito a suspeita de que os taes *meninos de boa fé* são antes de tudo uns patifes menos maus. Tolos sempre. Sobre isto não tenho eu duvidas nenhumas. Mas patifes á mistura. Tambem sobre isto me vão desapparecendo as duvidas todas.

Ora, haja ou não haja boas pessoas n'essa quadrilha, claro é que os dirigentes, os chefes, os mandões, são quadrilheiros da gemma.

Pertence-lhes a tal sociedade do *vintem das escolas*? Se pertence, é especulação certa. Qual, não sei. O que elles particularmente teem em mira pouco me importa. E' um arranjo particular. E' um negocio. A natureza ou qualidade do negocio é questão meramente secundaria.

Não lhes pertence? Então temos a eterna falta de tino que nos caracterisa, individual e collectivamente.

Ha em Portugal, ha muitos annos, uma instituição altamente sympathica: as *Escolas Moveis* pelo methodo João de Deus. Para que queremos nós mais? Pois dividir não é enfraquecer? Se os intuitos dos fundadores do tal *vintem das escolas* são sinceramente civilisadores, não demonstram esses homens, pelo menos, falta de juizo?

Se querem espalhar a instrucção deem força á instituição particular, que n'esse sentido já existe. Fundar outra é dividir esforços, é enfraquecer.

Que falta de methodo! Que ausencia de senso prático!

Falta de methodo e falta de justiça.

Ainda que os taes fundadores do tal *vintem das escolas* não pertençam a nenhuma sociedade de especulação—dizem-nos que um d'elles é um afamado senhor Guilherme Henrique de Souza, de quem temos, ha muitos annos, o melhor conhecimento como homem e como cidadão—nem assim podem ser considerados homens justos. Não é justiça lançar ao desprezo uma associação que, com uma rara tenacidade, vem combatendo, ha tantos annos, o analphabetismo. Quando ninguem pensava em ensinar os analphabetos, tomava ella a peito essa tarefa, nobre e patrioticamente. Sem descanço, sem desanimo, ia implorando auxilios em favor da sua obra benemerita.

Como se lançam esses serviços ao esquecimento e ao desprezo? Como é que os jornaes republicanos, de norte ao sul do paiz, —todos elles teem commettido essa tremenda injustiça, como as commettem de toda a ordem, a todo o instante,—veem cheios de réclames ao *vintem das escolas* e só teem uma referencia banal,—quando a teem, que a maior parte nem falam em tal coisa,—á patriotica *Associação das Escolas Moveis*, pelo methodo de João de Deus?

E' por homenagem ao honrado cidadão Guilherme Henrique de Souza?

Se agora é occasião de fazer salientar serviços á instrucção popular, salientem os que veem prestando as *Escolas Moveis*. Façam justiça, ao menos, aos homens que tão desinteressadamente as veem mantendo ha annos.

Safa, que já é patifaria de mais.

Só homens sem caracter, só jornalistas sem pudor podem praticar systematicamente essa infamia de levantar nos escudos da fama todos os *parvenus*, todos os insignificantes, todos os biltres provados, deixando no escuro todos os que teem verdadeiro merecimento, todos os que trabalham com dedicação, todos os que sabem produzir sem andar de chapéu na mão a mendigar elogios aos senhores jornalistas, que, tendo olhos para vêr, como toda a gente, teem mais obrigação de ser independentes e justos que ninguem.

Safa, que em parte nenhuma se desce tanto a essa infamia como em Portugal.

E' o vintem das escolas para aqui, é o vintem das escolas para acolá, com o vintem das escolas nos teem atordoado os ouvidos e azedado o sangue,—a nós, que conhecemos a fundo todos os heroes de vintem, de pataco, de tres ao vintem e de cinco ao real, que existem por esse paiz fóra—e não ha um diabo alma que tenha duas palavras a favor d'uma instituição velha, meritoria, garantida?

Que vem cá fazer o tal *vintem das escolas* com grammatica, analyse, redacção, contabilidade, zoologia, botanica, principios de economia e de administração, principios de moral e de musica?

Principios de grammatica e de redacção! Aqui d'el-rei. Nós somos republicano e bem o temos provado toda a nossa vida. Mas contra republicanos de tal ordem ainda chamamos pela justiça do rei.

A grammatica não tem servido n'este paiz senão para fazer estafermos, e a *redacção* para fazer cavalheiros d'industria.

Em elles sabendo grammatica dão logo em asnos e em mandriões. Em elles sabendo *redacção*, começam a pedir esmola á porta das *redacções*, são admittidos como engraxadores e como engraxadores trepam, e trepam até ao cimo.

Redactores, nunca. A redactores nunca elles chegam. Para se chegar a redactor não é preciso apprender *redacção*. Basta saber escrever. Elles chegam mas é a engraxadores e para ahi sim, é que é preciso apprender *redacção*.

Principios de zoologia e de botanica, principios d'economia e de administração, principios de musica!

E a dança, onde ficou?

Pois olhem, n'um paiz d'asnos e de dançarinas como este—porque até os que são tratantes são asnos—dança é que os senhores deviam ensinar.

Não prescindam d'ella.

Que sucia d'asnos! E publicam esses pomposos estatutos, em nome da instrucção publica e da guerra ao clericalismo, jornaes que se dizem democratas!

A zoologia, a botanica e a musica dão-nos doutores, ou burros pretenciosos e ridiculos. E de doutores e de burros estamos nós fartos até aos olhos. E' muito bom saber grammatica, zoologia, botanica e musica, e tudo quanto quizerem, quando se chega a saber. Mas dar-se a impressão de que se sabe, sem se saber coisa nenhuma, é peor que tudo. Deixemo-nos de falsidades. Façâmos a educação da verdade atravez de tudo.

De que nós precisamos é de cidadãos que saibam lêr, escrever e contar.

O que se torna preciso e urgente é abrir a porta á intelligencia e o campo á iniciativa. Depois o homem, habilitado a pensar, pensará. Habilitado a obrar, obrará. Em sabendo lêr, escrever e contar, elle apprenderá o que mais agradar ao seu espirito, o que melhor convier ás suas necessidades ou á sua inclinação.

Para esse fim eram e são excellentes as *Escolas Moveis*.

Toda a cambada patriotica cantou João de Deus em prosa e verso. Meninos e velhos fizeram, em sua honra, romarias ao Pantheon. Para quê? Para dar na vista, como sempre. Por espirito de imitação e de pedantismo. E' o caracter de bacoquice indigena, tão bem synthetisado no homem das botas de cortiça.

A melhor coisa, a mais util, a mais conveniente, a mais necessaria que fez João de Deus, foi o seu methodo de leitura. Pois todos os patifes tratam esse methodo como roupa de francezes. Este ronba-lhe aqui um bocado, aquelle outro bocado além, já são mais as cartilhas que os alumnos, mas o verdadeiro methodo fica no abandono e no desprezo.

Tal é a sinceridade, a convicção, a sciencia, a consciencia com que toda a mariolice indigena faz romaria ao Pantheon em nome de João de Deus.

Os do *vintem das escolas* lá vão n'essa corrente. Mandaram o poeta á fava, mais o seu methodo de leitura. Mas em tocando o tambor da romaria aos Jeronymos, lá estão elles na romaria, lá vão elles ao Pantheon d'olhos lacrimosos e lenço na mão, chorar o *mestre*.

Isto é uma cambada.

Muito feliz era eu se ella, ao menos, me não fizesse, ora azedar, ora ferver o sangue!

A. B.

«Pastelaria Cysne»

Abriu este magnifico estabelecimento de pastelaria, pertencente ao novo «Hotel Cysne», de que é administradora a sr.ª D. Maria Carolina Christo. Na sua vitrine encontra-se um variadissimo sortido em pastelaria e doceria. No dia da sua abertura vimos exposta uma linda Maionaise e uma Galantina que rapidamente foram vendidas.

Além d'outras peças lembra-nos ter visto mais as seguintes:—Bonitas tortas de Vianna; bollo inglez; bollo principe, costelletas á Victoria; fiambre; pasteis de carne, de camarão, de crême; cajadinhas de Cintra e diversas; murcellas doces d'Arouca; pudins diversos; biscouto á la reina; duquezas; doce de côco; biscouto de amendoa e de diversas qualidades; doce de laranja e de pera, etc, etc.

O ultimo recenseamento da cidade de Paris accusa 300:000 mulheres da vida facil.

LOUVORES

A ultima ordem do exercito publicava o seguinte:

Usando da competencia que me confere o disposto no artigo 129 do Regulamento Disciplinar do Exercito, determino que seja louvado o capitão Francisco Manuel Homem Christo, pela iniciativa, zelo e aptidão de que deu manifestas provas, ministrando a instrucção de leitura e escripta aos recrutas da companhia do seu commando.

(a) *Luiz Augusto Pimentel Pinto.*

Razão tinhamos nós para suppôr que o sr. general commandante da 2.ª divisão militar teria recommendado ao sr. ministro da guerra serviços praticados pelo sr. capitão Homem Christo, que não vinham citados na ordem de divisão que publicámos no ultimo numero d'este periodico. Na supposição, que fizemos, de que o sr. ministro da guerra não faria caso da recommendação do sr. general é que não acertámos de todo. O sr. ministro da guerra não só a attendeu como não se demorou a fazer a justiça que julgou merecida.

Antes assim. A justiça nobilita e engrandece sempre aquelles que a praticam.

E' certo, porém, que ainda ficaram no silencio alguns outros serviços, e importantes, praticados em Infanteria 14 pelo nosso patricio, e que nos são communicados.

O sr. Homem Christo não se limitou a ensinar a lêr, escrever e contar, em 87 dias, os recrutas analphabetos da sua companhia. Instruiu esta militarmente de fórma que o sr. general commandante da divisão a distinguiu na sua inspecção extraordinaria, chamando ao quartel general um soldado d'essa companhia, gratificando-o monetariamente e tecendo-lhe os mais rasgados louvores, que ratificou por escripto em nota dirigida ao commandante do regimento.

Sem duvida que o sr. general não deixou de levar este facto ao conhecimento do sr. ministro da guerra.

Além de ensinar a lêr, escrever e contar, pelo methodo João de Deus, com um exito enorme, os recrutas analphabetos, o sr. Homem Christo completou a instrucção litteraria dos que já sabiam alguma coisa a ponto de conseguir que seis ficassem approvados no exame para 1.os cabos, exame que o jury, por circumstancias varias, tornou excepcionalmente difficilimo, ficando, dos seis, dois approvados com distincção, e um com distincção e louvor, nota, esta, de assignalado merito que rarissimas vezes se concede n'um exame.

Mas, independente d'isso—louvado seja Deus que ao nosso amigo chega-lhe o tempo para tudo—o sr. Homem Christo levou a sua actividade até dirigir melhoramentos de primeira ordem dentro do quartel. Foi sob a sua direcção que se riscou, traçou e plantou o jardim, com 5:500 metros quadrados, cheio de roseiras, de craveiros, de chrysanthemos, de hortensias, azaleas, rhododendrons, camellias, fuchsias, bonvardias, daphnes, gardenias, lilaz iros, magnolias, palmeiras, trepadeiras variadissimas, arbustos e arvores escolhidas entre o que ha de mais ornamental e mais bello, sem contar as plantas annuaes, tratando o nosso amigo d'isso tudo, que combinou n'um excellente conjuncto esthetico, com um acerto prático e saber que deixou desapontados os pataratas que não comprehendem como possa haver alguem que faça muitas coisas diversas ao mesmo tempo.

Havendo falta d'agua no quartel, o sr. capitão Homem Christo começou, com soldados, a abertura de 2 poços, e com tanto acerto que o major de engenheria, que foi tomar conta das obras por conta do governo, deixou-as ir até ao fim sob a

direcção immediata do nosso amigo. E os poços, abertos em rocha a fogo de polvora e dynamite, até uma profundidade relativamente grande, abriram-se sem um desastre, sem difficuldade e sem estorvo algum.

Tudo isto se fez com grande economia para o Estado. Comtudo, por isso nunca o sr. capitão Homem Christo recebeu louvor nenhum.

Os partidarios do Manuel Firmino em Aveiro queriam estatua para o seu chefe por elle ter feito o jardim. O sr. Homem Christo fez um jardim em Vizeu por dez réis, superior em arte e na variedade e riqueza das collecções, e nem o mais infimo louvor recebeu, quanto mais estatua.

Recebeu contrariedades, malquerenças, invejas, que é sempre o que recebe quem trabalha, que é o premio que concede a villanagem a quem tem algum valor.

Apezar dos louvores que o sr. capitão Homem Christo, pelos seus actos officiaes, tem recebido de ha um anno para cá, não fazerem a gloria de ninguem, nem *passarem á posteridade*, mais do que um biltre ha de roer, por elles, as unhas de despeito.

Coitaditos. No fundo alguma razão teem. Os louvores officiaes não fazem gloria, não passam á posteridade, como acabamos de dizer. Mas n'um homem de feitio rebelde, de temperamento rude, *n'um insubmisso* da laia do sr. Homem Christo, que não poupa verdades quando as verdades são precisas, por isso mesmo odiado por todos os insignificantes e tartufos, constituem, realmente, motivo para roer as unhas, porque são muito significativos.

Muito! Muito!

Ninguem póde dizer que lhe são dados, a elle, por condescendencia ou favor.

Pelo contrario, a todos lhes dirá a consciencia, em segredo, que, com um homem de tal ordem, esses louvores não são merecidos simplesmente; sao, n'um paiz de engraxadores e de compadres, arrancados á força de justiça.

Arrancados!

E' o termo.

Razão teem os, tartufos, para roer as unhas de despeito!

Incommodo

Tem passado incommodado de saude, o que muito sentimos, o sr. Antonio Augusto de Moraes e Silva. Que o nosso amigo se restabeleça depressa, é o que desejamos.

Festas e arraiaes

Precedidas de ruidosas vesperas, festejam-se hoje o S. Bernardo, no logar do mesmo nome, freguezia da Gloria; a Senhora de Nazareth, na Gafanha, e o S. Bartholomeu, em Sarrazolla.

A' tarde haverá arraiaes em todas as tres partes; e como o tempo está bom, é de crêr que muita gente deixe a paz caseira para gosar alguns momentos de brodio e... beber algumas pinguinhas, porque tristezas não pagam dividas—lá diz o dictado.

ASSOCIAÇÃO
DAS
ESCOLAS MOVEIS

Recebemos a circular que em seguida publicâmos. Vivamente a recommendâmos a todos os leitores.

Quando existe essa Associação, tão benemerita e antiga, administrada com uma probidade e um zelo inexcediveis, é um crime de lesa consciencia, ou pelo menos uma insensatez, ir crear novas escolas, como essa do *vintemsinho*, que não nos offerece garantias nenhumas, em detrimento d'aquella que está garantida pela experiencia de tantos annos.

Segue a circular, mas voltaremos ao assumpto:

Ill.mo Ex.mo Sr.—Sabe V. Ex.a que no mappa das nações civilisadas, ao começar o seculo XX, Portugal occupa um dos ultimos logares, relativo ao grão da instrucção do povo.

Julio Simon disse: «O povo que tiver melhores escolas será o primeiro dos povos». Mas já antes d'esta affirmativa, baseada no preceito divino, Jesus Christo havia recommendado aos apostolos: «Ide ensinar a verdade a todas as creaturas»; e nas obras de misericordia formulou este mandamento: «Ensinae os ignorantes».

A Declaração dos Direitos do Homem, que em França foi promulgada pela assembleia constituinte de 1791, prescreve no artigo 22.º: «A instrucção é a necessidade geral. A sociedade deve favorecer com todo o seu poder os progressos da razão publica, e levar a instrucção ao alcance de todos os cidadãos». Reconhecendo a santidade d'estas doutrinas, ha 75 annos que a nossa Carta Constitucional (art. 145.º § 30.º) preceitua: «A instrucção primaria é gratuita a todos os cidadãos». Ha 60 annos, pugnando pela instrucção do povo, escreveu A. Herculano: «Virá um dia em que nos codigos politicos se attendam os sãos principios e se escreva: «A constituição considera o ensino geral como garantia da sociedade e do individuo: o estado é obrigado a assegural-o e mantel-o em todo o seu complexo; os cidadãos a acceital-o no que elle representar de garantia social». (Opusculos, tomo 8.º, pag. 115).

«Em 5.049:729 habitantes que o paiz contava no 1.º de dezembro de 1890, sómente 1.048:802 sabiam ler. Assim só 20,8 por cento ou pouco mais de um quinto da população (4.000;927 ou 79,2 °|o eram analphabetos) possuia, pelo menos a instrucção elementar». (Censo da população do reino de Portugal.) Mas observando rapidamente a mesma estatistica, por concelhos, damos estes quatro exemplos: Dist. da Guarda: concelho de Trancoso, (só uma freguezia d'este concelho para analyse), freguezia de Sebadelhe da Serra: 138 fogos; 216 femeas e 181 varões. Analphabetos em 216 femeas, 100 °|o; em 181 varões, 98 °|o!; dist. de Castello Branco: concelho da Certã, analphabetos 88,5 °|o: dist. do Funchal: concelho de Calheta, 94,2 °|o; concelho de Ponta de Sol, 96,2 °|o analphabetos! E terá, depois de 1890, melhorado o estado da instrucção elementar?

Diz o governo no seu relatorio sobre a instrucção primaria, que precede o decreto de 22 de dezembro de 1894 («Diario do Governo» n.º 292), «Foram precisas cinco escolas para dar um alumno approvado ou para cada escola representa a fracção de 0,2 de alumno!» A pag. 3474 do mesmo «Diario», confessa o governo «que ha 1300 freguezias que não possuem escolas officiaes.» No mesmo relatorio diz tambem o governo: «A prosperidade e independencia da nação dependem do ensino publico.»

Na lei de 1894 (mesmo «Diario» n.º 292), art. 10.º, preceitua-se que serão «instituidos cursos temporarios ou moveis» nas freguezias aonde não houver escolas permanentes. Decorridos sete annos tal providencia não foi executada, nem ha esperanças de vir a sel-o.

Não precisava o esclarecido espirito de V. Ex.a d'esta breve demonstração do nosso atraso para reconhecer a utilidade da instituição das «Escolas Moveis.» Infelizmente a nossa associação, embora conte já 19 annos de existencia, dispõe de minguados recursos (pouco mais de 170 socios e uma receita annual que não vae além de réis 600$000); e, esquecida na sua modestia e obscuridade, o grande publico desconhece-lhe os serviços

Estes serviços, relativamente insignificantes, limitam-se a 64 missões ou cursos em diversas povoações do continente e Açores, aonde se matricularam 6:915 alumnos, dos quaes (a maioria foge d'ir a exame) apenas se prestaram a ser interrogados nas provas finaes 2:386 examinandos.

Sabe V. Ex.a que na America e n'outros paizes cultos, são vulgares os legados para escolas; ha poucos dias, ainda, os jornaes davam noticia d'um donativo de quatro milhões de francos (1.040 contos da nossa actual moeda), que o capitalista Andrew Carnegie, de New York, offerecia aos estudantes pobres de quatro universidades da Escossia aonde aquelle cidadão nasceu. Entre nós, infelizmente, os legados e donativos ás escolas, por ora, estão pouco em uso e são raros.

Tem-se agora fallado com certa insistencia, na necessidade de fundar escolas, porque diz-se, é tempo de remir das trevas da ignorancia quatro milhões de analphabetos, que nos envergonham perante o mundo civilisado. Eis a razão que nos leva a recorrer ao generoso coração de V. Ex.a. Decorridos 19 annos da sua modesta existencia, pela primeira vez a instituição das «Escolas Moveis», em nome dos famintos do pão do espirito, recorre ao favor publico.

No intuito de desenvolver os seus cursos ambulantes, (em 1897 a Suecia já tinha 2923 d'estas escolas moveis) satisfazendo os pedidos de missões que lhe são feitos, a direcção das «Escolas Moveis» esteve em combinações com o sr. emprezario do Colyseu dos Recreios, para que o producto d'uma das récitas da opera «Serrana» do inspirado maestro sr. A. Keil, revertesse a favor do cofre da nossa associação.

Animando nos n'este proposito, eis que nos offerece a sua generosa coadjuvação o nosso consocio n.º 493, tomando sob sua responsabilidade todos os camarotes (34) de 2.a ordem do referido theatro, ainda com o sympathico intuito de offerecer estes bilhetes a institutos de ensino e de caridade, proporcionando d'este modo ás creanças d'essas escolas o ensejo de irem ouvir uma notavel opera portugueza.

São já numerosos os actos de philanthropia praticados pelo nosso illustre consocio, 493. Referindo-nos apenas, por amor á verdade, aos que dizem respeito ás «Escolas Moveis», para as quaes S. Ex.a subscreve com a quota annual de 24$000 réis, cumpre-nos recordar que no relatorio d'esta associação, de 1886 a 1888, se menciona um donativo seu, de 700$000 réis. O exemplo que nos dá o socio n.º 493 e outros benemeritos subscriptores, como consta dos nossos relatorios, não terá imitadores? Confiamos que ha-de tel-os, porque a alma portugueza sabe sempre commover-se quando se trata d'um pensamento generoso, qual é este que nos domina: trabalhar para dar os primeiros elementos da instrucção ás classes populares.

Proximo a acabar os seus contractos da presente época lyrica, declarou-nos finalmente, aquelle sr. emprezario que não podia alugar-nos o seu theatro, consoante os os nossos desejos. A projectada representação ficou pois adiada; mas subsistindo a urgencia de crear receita extraordinaria para alargar a benefica acção das «Escolas Moveis», resolveu a direcção e a sua benemerita commissão auxiliar, enviar esta circular a V. Ex.a, pedindo-lhe qualquer donativo ou a mercê de se inscrever como socio d'esta instituição.

(Conclúe no proximo numero.)

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surprehendente Exposição Fabril **Singer**, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

EM PROMESSA...

O que é a vida? Sôpro ubtil que desfolha a rosa que hontem, bella, se alimentava do orvalho da manhã!

No sabbado, 17 do corrente, sahiu d'esta cidade, com direcção a Semide, afim de cumprir uma promessa feita ao Senhor da Serra, uma tricana do Alboi, de nome Maria dos Prazeres Nunes da Maia.

No regresso, quando devia vir satisfeita, não só pelos gosos que sempre proporcionam as festas que teem arraial, mas tambem e principalmente por se ter livrado d'um encargo que o seu coração de crente nunca lhe deixaria esquecer, foi acommettida, em Coimbra, por uma congestão cerebral, que a prostrou sem vida!

Na segunda-feira chegou a Aveiro no comboyo da noite, sendo esperada, na estação do caminho de ferro, por muitas pessoas, que a acompanharam até á sua ultima morada.

TYPOGRAPHIA
— DO —
POVO DE AVEIRO
Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de typos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.
Especialidade em cartões de visita

DUAS HEROINAS

Le monde marche, dizem os francezes, com muito acerto, quando se dá algum facto extraordinario, como, por exemplo, o das duas hespanholas. Se porventura este acontecimento se désse na França, appareceria de caminho em todos os jornaes d'aquella republica tão bella phrase... Não que, diga-se a verdade, uma coisa assim, até parece americana, e não de procedencia hespanhola!

O leitor, que já deve ter conhecimento d'esse facto, descoberto, ha oito dias, no Porto, acha-lhe graça, não é verdade? Eu tambem acho tudo aquillo muito bonito, e então o que lhe dá mais graça ainda é figurar na comedia uma *niña* mais ou menos illustrada, pois que, segundo me parece, foi professora em Corunha, sua terra natal.

O bom coração de muitas mulheres leva-as ás vezes a praticar actos que nem ao Diabo lembram. Foi o que succedeu a Eliza Sanchez. Esta mulher, que possuia um coração sensivel, avaliando a triste situação da sua amiga de ha 12 annos, quer salval-a das boccas do mundo, como vulgarmente se diz, e achando optimo o primeiro pensamento que lhe vem á mente, põe-o em prática: vestir-se de *homem* e unir-se pelos laços do matrimonio a Marcella Gracia.

Mas foi pouco duradouro tão bello expediente. A auctoridade gallaica, a quem foi logo participado o occorrido, tratou de perseguir os dois *esposos* que, não vendo geito algum de se escaparem á acção dos mantenedores da ordem publica, levantaram os vôos e vieram refugiar-se no Porto. Alli viveram alguns mezes sem que ninguem désse pelos modos femininos de D. Mario, ou seja Eliza Sanchez, porque em terras grandes o que mais abundam são homens de coração meigo e de olhares seductores...; mas como o Diabo tem uma capa que cobre e outra que descobre, em má hora foram entrevistadas por uma mulher que, conhecendo-as, participou o caso á policia.

Com que interesse? Unicamente por partida, ou, mais ainda: para se vingar d'umas respostas que Eliza lhe deu na occasião em que aquella lhe dirigiu uns dictos.

Ha mulheres para tudo, assim como ha pau para toda a obra; e a nossa heroina em questão, merecia uma lembrança pela sua argucia e uma farda para continuar nas suas pesquizas. Muitos homens ha que todos os dias passeiam as ruas de chanfalho á cinta e ainda não prestaram tão bons serviços como ella; por isso, d'aqui, d'este cantinho de provincia, pedimos a quem compete que lhe forneça, no mais curto espaço de tempo, todos os aparelhos para a mudarem de traje. Mas, muito cuidado, senhora dona, não vá o Diabo ser tendeiro...

O peior mal, porém, é o das duas infelizes que, julgando acharem em Portugal termo ás perseguições de que eram victimas, vieram-se metter na bocca do lobo.

Hoje, coitadas, estarão arrependidissimas do mal que fizeram e do papel que representaram.

Desilludida

Tentou, na terça-feira, pôr fim á existencia, ingerindo uma porção de massa phosphorica diluida em agua, Chrysantha de Assumpção, de 17 annos de idade.

Recusando-se a tomar o contra-veneno, foi por fim vencida, e hoje encontra-se livre de perigo.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás	De tarde ás
3-45 m.	7-6 m.
5-21 m.	10-5 m.
9-11 m.	

De Aveiro para o Sul

De manhã ás	De tarde ás
7-34 m.	3-47 m.
10 42 m.	5-36 m.
	10-43 m.

ANNUNCIOS

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

(104) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXX

Não estejas a ranger os dentes, Testa-de-Boi, não estejas a arregalar os olhos, não cerres os punhos nem os levantes para mim com gesto de ameaça! Essa mão que, semelhante á do teu famoso antepassado a quem deves o nome, podia com um murro esmagar o craneo de um boi, agora é debil e impotente como a minha!

—Vil bruxa, homicida! bradou Testa-de-Boi, coruja horrenda! E's tu então quem vem exultar sobre as ruinas que ajudaste a deitar abaixo?

—Sim, Reginaldo Testa-de-Boi, respondeu ella. E' Ulrica, é a filha de Torquil Wolfganger trucidado! a irmã de seus filhos assassinados! é ella que reclama de ti e da casa de teu pae seu pae, a sua casa, o seu nome e a sua honra,—tudo quanto perdeu por obra dos Testa-de-Boi! Pensa no que eu soffri e dize-me se eu não fallo verdade. Tu foste o meu anjo mau: quero tambem ser o teu. Não te largarei até aos teus ultimos momentos.

—Detestavel furia! exclamou Testa-de-Boi, não serás testemunha d'esse momento. Horá, Giles, e Eustaquio! Saint-Maur e Estevão, agarrae esta bruxa damnada e deitae-a das muralhas abaixo... ella entregou-nos aos saxões! Holá! Saint-Maur, Clemente! onde estaes vós, escravos cobardes?

—Chama-os outra vez, valoroso barão, disse a bruxa, com uma risada escarninha, chama os teus vassallos para ao pé de ti, ameaça os que se demorarem com açoutes e prisão. Mas sabe, poderoso chefe —continuou ella mudando de tom subitamente—, que não obterás d'elles resposta alguma, nem soccorro nem obediencia. Ouves este estrondoso estrepito?—N'esse momento recomeçara o assalto e a defeza com um estrondo medonho junto ás muralhas do castello.—Aquelles gritos de guerra significam a quéda da tua casa. O poder de Testa-de-Boi, cimentado com sangue, treme nos seus alicerces, abalado pelos seus inimigos mais odiados! Os saxões, Reginaldo, os saxões desprezados assaltam as tuas muralhas. Porque estás tu ahi, como um veado exhausto de forças, quando os saxões forçam a tua fortaleza?

—Deuses e diabos! exclamou o cavalleiro, dae-me forças por um momento para me lançar na *mêlée* e morrer como é digno do meu nome!

—Não penses n'isso, valente guerreiro! replicou ella tu não morrerás como um soldado, mas como uma rapoza na sua toca quando os camponezes lhe accendem á róda uma fogueira.

—Mentes, bruxa hedionda! exclamou Testa-de-Boi; a minha gente porta-se valorosamente, as minhas muralhas são fortes e elevadas, os meus irmãos d'armas não teem medo de uma hoste inteira de saxões, tivesse ella á frente Hengisto e Horça! Os gritos de guerra do templario e do companheiro franco dominam o fragor da batalha! E, pela minha honra, quando nós accendermos a fogueira de regozijo para celebrarmos a victoria havemos de lá deitar-te para te consumir até aos ossos: ainda hei de viver o bastante para ouvir dizer que tu passaste das chammas da terra para as do inferno, que nunca deitou cá para fóra um monstro mais diabolico do que tu!

—Agarra-te a essa esperança, replicou Ulrica, até que tenhas as provas d'isso.

(Continua.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—*AVEIRO*

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALBÕES

Garante-se a perfeição e solidez

PREÇOS MODICOS

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

NOVIDADE LITTERARIA

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenrolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias ao srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 28 de maio e 13 de junho.

Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

PUBLICAÇÕES

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, explendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com explendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

"O NORTE,,

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.